



RESUMOS > COMUNICAÇÕES
Quinta-feira > 19/10 > 14:00-15:30
Auditório Bicalho

Virgínia de Araújo Figueiredo > UFMG

Crítica e juízo sem fim

O trabalho se insere num dos principais objetivos da minha pesquisa que tem sido o de tentar mostrar a vigência da Estética de Kant para pensar o problema da arte contemporânea. Na primeira parte, seguirei a delimitação dessa Estética, reconhecida de modo quase unânime, como essencialmente judicativa e, portanto, dependente do juízo. Em seguida, tentarei aproximar as duas noções: de juízo kantiano e de crítica romântica para, finalmente, defender a atualidade e até a necessidade do “ajuizar” frente à objeção gravíssima que Gilles Deleuze fez a Kant no seu texto “Pour en finir avec le jugement”. Essa defesa vai valer-se primordial e inesperadamente de uma aliança com o poeta, Friedrich Hölderlin, a qual estabelecerá uma difícil relação entre o poeta e o filósofo.

Gerson Luís Trombetta > Universidade De Passo Fundo - Programa De Pós-Graduação Em História

É possível haver arte sem fim?

Conforme as teses kantianas expostas na Crítica da Faculdade do Juízo (CFJ) toda arte necessita de regras: “[...] não há nenhuma arte bela na qual algo mecânico que pode ser captado e seguido segundo regras, e portanto algo acadêmico, não constitua a condição essencial da arte” (CFJ, § 47, B 186). Para produzir a arte, algo tem de ser pensado como fim; do contrário, seria mero acaso. Essa afirmação parece conflitar com outra, posta logo antes: a “arte bela não pode ter ideia da regra segundo a qual ela deve realizar o seu produto”.

(CFJ, § 46, B 182).

A tensão entre “necessidade da regra” e “ausência da ideia da regra” no ato poético seria solucionada pelo gênio (Genie). Gênio e regra relacionam-se, por um lado, de modo negativo: a atividade do gênio é indeterminada, não pode ser traduzida em processos de ensino e aprendizagem e excede a qualquer prescrição; por outro, a mesma relação pode ser vista de maneira positiva: a produção artística é um ato livre, exemplar, que não permite uma apropriação direta e que provoca “gratuitamente” o efeito da beleza. A ação do gênio de “dar a regra” pode ser interpretada, assim, como um “descobrir a regra” no próprio ato de criação.

“Dar a regra”, não é um ato autárquico do gênio, produto de uma postura do “eu” – no sentido fichteano de consciência absoluta de si. Num sentido quase oposto, é a natureza que, através do gênio, dá regra à arte. O artista é, por assim dizer, um médium que a natureza utiliza para a realização de seus supostos fins. A natureza que age pelo gênio é qualquer coisa de, ao mesmo tempo, racional e instintiva, algo que é conseqüente (enquanto ato produtivo), mas que permanece indomável e indizível.

Vladimir Vieira > Universidade Federal Fluminense (UFF)

Confirmidade a fins sem fim e inconformidade a fins com fim na Crítica da faculdade do juízo

No terceiro momento da “Analítica do belo”, Kant caracteriza o juízo de gosto de modo geral como aquele que se funda na percepção de uma conformidade a fins sem fim; somente ela, afirma no §11, “pode perfazer o comprazimento que ajuizamos sem conceito como universalmente comunicável [...]”. O filósofo, entretanto, reconhece em seguida que muitas situações concretas não correspondem integralmente a esse ideal de pureza judicativa. Um caso notável é o da arte, a qual, segundo o que é dito nos parágrafos finais da “Analítica”, “sempre tem um propósito determinado de produzir alguma coisa” (§45). A produção artística não pode perder integralmente de vista o fim que determina aquilo que o objeto deve ser, o que parece indicar que nossas experiências transcendentais frente ao belo artístico e ao

belo natural talvez apresentem mais discrepâncias do que deixariam supor à primeira vista as intenções programáticas da Crítica da faculdade do juízo.

Em meu trabalho, pretendo abordar essas dificuldades sugerindo que, ao contrário do que se verifica no caso do belo natural, os juízos sobre o belo artístico têm por fundamento a percepção de uma "inconformidade a fins com fim", expressão que, embora não seja utilizada por Kant, creio ser bastante útil para esclarecer o que o filósofo tem vista nessas passagens. Procurarei mostrar, em seguida, de que modo ela pode ser empregada para elucidar outros conceitos discutidos nesses trechos da "Analítica", tais como a noção de gênio e a oposição entre arte mecânica e arte estética.